

AJ KAUFMANN

# **RESGATE NA SELVA**

**2016**



# Resgate na Selva

Copyright© 2016 AJKaufmann

É expressamente proibida a reprodução de parte ou da totalidade do conteúdo desta obra, mediante qualquer forma ou meio, sem prévia e formal permissão.

*Dedico este livro à minha família, que tanto me apoiou para que esta obra se tornasse real.*



# Capítulo 1

## FRONTEIRA BRASIL – COLÔMBIA

Já era noite quando o segurança Carlos olhou para o alto com grande preocupação. Nuvens negras e carregadas aglomeravam-se rapidamente. Clarões esporádicos anunciavam chuva. Os sons de trovões, graves e vibrantes, retumbavam pelo céu Colombiano, estendendo-se por vários quilômetros.

– Mierda! Chuva de novo! – Esbravejou, em castelhano.

Carlos veio de uma pequena província, localizada a quinhentos quilômetros de Bogotá, onde o trabalho era escasso e a miséria tomava conta da cidade. A necessidade fez com que deixasse a mulher e os filhos para procurar trabalho. Aqui, em meio a selva estava fazendo a segurança de um laboratório de cocaína. Não gostava do trabalho, nem simpatizava com a ideia de estar contribuindo para o narcotráfico, mas sua família estava passando fome e tinha a esperança de poder dar uma vida mais decente para eles. Três dias atrás a polícia Colombiana havia estourado um dos laboratórios de coca de seu chefe, Rubén, a uns dez quilômetros dali. Rubén comandava o narcotráfico há muitos anos e pela primeira vez teve uma grande baixa nos negócios. Ele mandou intensificar a segurança do local até poder se instalar em outra área longe do alcance da polícia.

Ajeitou o fuzil a tiracolo e tirou a capa de chuva da mochila. Uma lona grossa e desconfortável, mas que com certeza o manteria seco. Meteu a mão no bolso direito e com um sorriso, que mais parecia o final de uma relação sexual, encontrou um maço de Marlboro amassado. Com cuidado tirou o único cigarro disponível. Estava quebrado em três partes. Tateou os bolsos a procura de uma caixa de fósforos e com muito

cuidado acendeu a relíquia. Assim que deu a primeira tragada virou-se para continuar sua ronda e deu de cara com Ramirez. Com o susto seu cigarro foi ao chão.

– Que droga hombre! – esbravejou. – Eu poderia ter te matado!

Ramirez soltou uma risada sarcástica, enquanto observava o companheiro. – Pouco provável! – Disse simplesmente. – Empacotado do jeito que estás te cortaria em três partes antes de poder sacar sua arma!

Sempre que possível Ramirez tentava irritar Carlos com piadinhas de mau gosto. Gostava de se mostrar superior por estar mais tempo trabalhando para Rubén, mas estavam no mesmo nível hierárquico, faziam apenas a segurança do local.

Carlos pegou o cigarro caído no chão com todo o cuidado. Ainda estava aceso. Limpou o filtro e o levou à boca novamente.

– Está tudo em ordem? – Perguntou Ramirez, não contendo sua felicidade em ter assustado o companheiro.

– Até você chegar... – Reclamou Carlos.

Ramirez gostava de intimidar seus colegas de trabalho. Assustá-los no turno da noite tinha um sabor especial.

– Se precisar de alguma coisa estarei no portão sul! – Disse Ramirez retirando-se do local às gargalhadas.

Durante esses meses de trabalho, por várias vezes Carlos olhara para a mata fechada, logo a sua frente. A imaginação mexia com seus nervos. Os sons da selva eram assustadores, principalmente à noite. Por vezes jurava ter visto alguma coisa rondando o cercado improvisado que dava proteção ao lugar. O cansaço da ronda noturna ajudava sua mente a lhe pregar peças. Há duas semanas um dos vigias de ronda simplesmente sumiu. Alguns falaram que o coitado não teria mais aguentado o sofrimento da selva e abandonado suas atividades, outros que ele havia se deparado com uma onça-pintada e virou a ceia do felino. Mas como não poderia faltar, alguém disse que ele havia sido levado pelo Mapinguari. Um humanóide com cinco metros de altura e força descomunal, que vaga pela floresta amazônica a procura de alimento. Seu prato preferido: a cabeça de suas presas. Assim diz a lenda!

Muitos foram os relatos de ataques em meados do século passado. O mais recente conta que um grupo de seringueiros adentrou a região leste da Amazônia. Foram cinco dias de barco rio acima até chegar ao local de maior abundância de látex da região. Os seringueiros montaram acampamento e começaram a explorar o terreno. Parecia bastante promissor e já faziam planos de como gastar o dinheiro que ganhariam. Naquela noite o mais jovem foi escalado para fazer a ronda do acampamento. Seus olhos pareciam pular fora das órbitas a cada som da noite. Olhou para o grupo amontoado dentro da cabana rústica. Era uma cacofonia de roncos dos mais variados tipos. O jovem pensou até em acordar alguém para lhe fazer companhia quando repentinamente todo o som a sua volta cessou. Tudo ficou no mais completo silêncio. Espreitou os olhos para enxergar melhor. As poucas tochas que iluminavam o local acabavam ofuscando-lhe a visão. Foi tomado pela curiosidade. Avançou lentamente para fora do perímetro do acampamento. A mata a sua frente estava escura como o breu. Uma leve brisa vinda do rio a poucos quilômetros dali balançava a copa das árvores lentamente. Algo se moveu à sua frente. Em um primeiro momento pensou que poderia ser o rasante de um pássaro, mas o barulho de galhos quebrando no chão anunciava a aproximação de alguém caminhando. Pensou em dizer algumas palavras amistosas, mas parou quando percebeu que quem ou o que se aproximava era enorme, de quatro a cinco metros de altura, pelos negros, grossos. Um cheiro horrível de carne podre chegou as suas narinas fazendo-o ter ânsias de vômito. Deu alguns passos para trás. Trêmulo pegou uma das tochas que estava mais próximo e esticou o braço. A criatura aproximou-se lentamente, como um jogo na qual sabia que não precisava se precipitar, pois sua vítima estava garantida. Olhos penetrantes e avermelhados pareciam fuzilar o jovem que estava petrificado e em suas preces clamava por um fim rápido e sem dor. A tocha caiu ao chão. As siluetas projetadas contra a lona da barraca mostravam uma cena aterrorizadora: o garoto teve sua cabeça arrancada fora e devorada de uma só vez. Um rugido ensurdecedor brotou daquela fera assustadora. Os quatro homens que dormiam acordaram sobressaltados. Um enorme animal estava deitado sobre o jovem companheiro, devorando-o. Como estava parecia um amontoado de

pelos negros. Armaram-se com uma estaca e um machado, e o que estava mais a frente puxou sua faca trabalhada a mão que reluziu sob a luz das tochas. O monstro percebeu a presença deles e levantou-se vagarosamente, mostrando a sua real altura e imponência. Quem ousava interromper seu banquete. O homem da faca deixou-a cair ao chão. Abriu caminho por entre os dois colegas petrificados e sumiu na mata. Os gritos desesperados dos que ficaram no acampamento foram aos poucos sumindo na mata. O fugitivo tentou refazer mentalmente o caminho até o rio que os trouxe aqui. A escuridão da selva fez com que por diversas vezes caísse ao chão ou se arranhasse por entre galhos e vegetação. Parou por instantes para recuperar o fôlego. Seu coração estava disparado, as mãos trêmulas. Não sabia exatamente o que fazer. Um som próximo o fez correr novamente. Subiu uma pequena elevação. Lembrava de ter passado por ali. Sentiu-se aliviado por não estar totalmente perdido. O som de passadas pesadas parecia aproximar-se, ou seria apenas sua imaginação? Conseguiu avistar o reflexo da luz sobre as águas do rio. Graças a Deus estava salvo, bastava localizar o barco. O vento trouxe um cheiro insuportável. O homem sabia que aquela criatura estava por perto. O barco! Estava ali, logo à frente. Jogou-se na água e nadou poucos metros até conseguir alcançar a embarcação e subir a bordo. Chegou até a cabine e deu partida. Não ligou. Tentou mais uma vez. Nada. Blasfemando começou a chutar e a bater no console do barco. Mais uma tentativa e... deu certo, O barco ligou impregnando o ar com cheiro forte de diesel queimado. Algo sacudiu o barco, inicialmente de forma quase imperceptível. O homem manteve-se calado, imóvel. De repente, junto à janela da cabine, aquela horrível criatura apareceu urrando como se tivesse saído do inferno. A proa do barco começou a afundar por causa daquele ser com força incomum. O seringueiro escalou a cabine e conseguiu atingir a popa sem que seu atacante o visse. À frente a pequena embarcação começava a se despedaçar. O homem foi jogado na água. Um pequeno bote, amarrado junto ao barco maior, oferecia agora a única alternativa de escapar dali com vida. Tateou a cintura a procura de sua faca: droga! Lembrou do que aconteceu com ela. Tentou desatar o nó com as mãos, mas estava muito apertado. O monstro continuava a arrebentar pedaço por pedaço do barco, com o

intuito de encontrar o seringueiro. A mangueira de combustível arrebentou e com a pressão começou a jorrar diesel por todo o lado. A fiação elétrica se partiu disparando fagulhas, dando início a um pequeno incêndio. Nada disto afetou o ataque daquela criatura que parecia obstinada e não acabaria até encontrar a sua presa. Desesperado o homem continuava sem êxito tentar libertar o bote. Em meio aos ataques o ser rugia em um tom tão alto que parecia arrebentar os tímpanos do pobre homem. Este tapou os ouvidos a fim de se proteger. O incêndio começou a se espalhar, atingindo a popa. O seringueiro percebeu que o fogo logo atingiria o tanque de combustível e tratou de mergulhar o mais fundo que pudesse. Com efeito, o barco explodiu, abrindo um momentâneo clarão no breu amazônico. O homem ressurgiu do fundo em meio a pedaços fumegantes do barco. Procurou pela criatura, mas não a viu. Por sorte o pequeno bote escapou ileso da explosão. Exausto o seringueiro embarcou e deixou a correnteza do rio o levar para qualquer lugar, longe dali.

Carlos riu da lenda contada pelos seus colegas. “Folclore”, disse ele. “Não existe tal coisa... um monstro de cinco metros de altura!...”

O céu desabou num pé-d’água torrencial. Carlos mal tinha dado sua segunda tragada e a chuva apagou seu cigarro.

– Droga, que lugar infernal! – Xingou. – Chove o tempo todo!

De repente ouviu um estrondo. Pensou que era um trovão, mas o barulho estava muito próximo, parecia ter vindo de trás do laboratório. A única lâmpada que iluminava o lugar onde ele fazia a ronda se apagou. Vários disparos foram ouvidos. Sentiu os batimentos de seu coração pulsar na garganta. O silêncio reinou por alguns segundos. Ficou sem ação. Aguçou os sentidos para tentar escutar algo. Em seguida um grito desesperador cortou o barulho da chuva.

– Ramirez! – Identificou Carlos.

Retirou sua arma do ombro e cambaleante percorreu o caminho que fazia toda vez que terminava seu turno, chegando até o portão sul. Mirou em um ângulo de cento e oitenta graus para uma rápida verificação antes de adentrar o campo desmatado que servia de entrada para o laboratório. Em um canto o gerador de energia estava totalmente destruído, amassado como uma folha de papel. Algo se moveu no chão logo à

frente. Aproximou-se lentamente e encontrou Ramirez agonizando. Um enorme ferimento no crânio, no qual não dava para medir a profundidade, fazia jorrar seu sangue, cobrindo totalmente seu rosto. Agachou sem deixar de prestar atenção ao ambiente a sua volta. Ao ver o companheiro, Ramirez fez um enorme esforço. Tossindo sangue, balbuciou algumas palavras desconexas e desfaleceu.

Carlos levantou com dificuldade. Sentiu suas pernas bambas. De repente um sentimento de culpa tomou conta de si. Por que estava ali afinal de contas? Pelo dinheiro? De que adiantava isto agora, se estava tão longe de sua família...

Limpou o excesso de água dos olhos, tentando melhorar a visão. A chuva caía pesadamente sobre sua capa de lona. Tentou apurar os sentidos. Seu coração batia forte. Ouviu um barulho em sua direção, pela direita. Apontou mas não viu nada. O lugar estava por demais escuro. Carlos recuou tentando se proteger mais perto da parede do laboratório. Algo se moveu. Espreitou os olhos para ver o que era. Um borrão passou em sua frente, tão rapidamente que não pode identificar o que era. Ficou desorientado. Quando deu por si foi derrubado. Um peso brutal o estava esmagando contra o solo. Pressionou o gatilho do fuzil fazendo uma série de disparos, mas não conseguiu acertar nada. Experimentou o gosto da lama em sua boca. Sua arma foi tirada com tal violência que a alça que estava enroscada em seu braço quase o arrancou fora. Sentiu o respirar lento e grotesco de quem o havia imobilizado. Um odor fétido encheu-lhe as narinas. Seu último pensamento foi a sua família. Uma dor lancinante cortou-lhe o corpo. Seu grito ecoou pela noite. Tudo ficou escuro.

## Capítulo 2

Em meio à escuridão, gritos e tiros. Pânico. Vozes ecoaram pelo ar, longínquas, pedindo ajuda. Algo lhe puxou, arrancando-o dali à força. Precisava ficar. Alguém próximo lhe pediu socorro, mas ele estava sendo arrastado. Imagens turvas giravam a sua volta. Sentia o sangue escorrendo pela sua boca. Sem forças e muito ferido continuou a ser arrastado. Aos poucos os sons se distanciaram, apagando-se. Subitamente uma explosão atirou-os longe.

Max acordou sobressaltado. O peito arfando como se o seu coração fosse sair pela boca. Apertou os olhos e olhou a sua volta, custando a perceber onde estava. Um quarto de hotel vagabundo e fedorento. No teto um ventilador devagar, quase parava. Três colunas de livros e revistas competiam entre si empilhadas em um canto. Algumas fotos presas por percevejos na parede de madeira. Um prego sustentava um feixe de medalhas. Temperatura permitindo ovos fritos à sombra. Na verdade, um apertado chiqueiro humano. Sentou na cama. Com as mãos na cabeça apoiou os cotovelos no joelho. Respirou profundamente. Gotas de suor corriam pelo corpo musculoso, desviando das cicatrizes que mais pareciam seguir o traçado da Cordilheira dos Andes. Outro pesadelo. Todos iguais. Fazia muito tempo que não conseguia mais dormir a noite. A mesma droga de pesadelo! Levantou e sentiu o cansaço de uma noite mal dormida. Olhou seu reflexo em um espelho pregado à parede. Nem ele mesmo se reconhecia. Cabelos longos desgrenhados e uma barba de uns bons trezentos e sessenta e cinco dias por fazer. Max estava com 32 anos de idade.

O velho telefone de disco tocou alto, assustando-o novamente. Com resignação atendeu o aparelho.

– Alô! Quem? – Fez uma pausa. Suspirou pesadamente. – Está bem, já estou indo!

Seria muita gentileza de minha parte se dissesse que estávamos em um lobby do hotel. Mais parecia um bar de quinta categoria. A construção toda em madeira sugeria a idade do seu falecido proprietário, uns bons cem anos.

Max desceu as escadas abotoando a camisa. Encontrou Bira atrás do balcão, um indiozinho de aproximadamente nove anos que vivia no hotel. Olhou para ele sem falar nada, ao que o garoto apontou para o outro canto. Um homem estava sentado de costas para ele. Max aproximou-se lentamente e observou o homem levantar, auxiliado por uma bengala de aço inoxidável.

O Coronel Silva tinha sessenta e cinco anos, cabelos grisalhos, pele bronzeada e porte atlético. Vestia roupas civis.

Max fitou o Coronel e declarou. – Não esperava vê-lo tão cedo!

– Meu Deus Max, vai fazer o papel de Jesus Cristo este ano? – Disse o Coronel, soltando um largo sorriso.

Max não respondeu à brincadeira.

– Já se passaram alguns anos desde a última vez que o vi! – Continuou o Coronel.

– Para mim é como se fosse ontem! – Reiterou Max.

– Mesmo assim é bom te ver novamente, Max! – O Coronel estendeu a mão. – Aliás, Tenente Max! – Completou.

Max permaneceu imóvel, não retribuiu a saudação. Na verdade ele sentia-se muito incomodado com a presença do Coronel.

– Por que está aqui? – Perguntou Max.

O Coronel retraiu a mão e apoiou seu corpo na bengala. Max, muito desconsertado, observou seu movimento.

– Precisamos conversar Max!

– Pode falar! – Max estava sem paciência e gostaria que aquele homem saísse de sua frente o quanto antes.

– Pelo amor de Deus! Podemos ao menos ir até um bar? Este calor está insuportável!

O bar que ficava na esquina era um lugar fétido, mal iluminado, propenso a encontros e negociações duvidosas. Um sujeito gordo e mal

humorado ficava atrás do balcão, servindo doses mínimas de aguardente aos seus fregueses.

Do lado de fora do bar, na calçada, o Coronel Silva saboreou um grande gole de cerveja e enxugou o excesso de espuma do bigode com o dorso da mão. O copo de Max mantinha-se intocado.

– Você quer o quê? – Indagou Max.

O Coronel calmamente inclinou-se na cadeira de palha. – Equipe de resgate! – Disse ele. O Coronel Silva parecia que tinha um eterno sorriso sarcástico no rosto. – Temos uma equipe de pesquisadores desaparecidos na divisa do Brasil com a Colômbia. Perdemos contato há três dias com o laboratório deles.

– Está perdendo o seu tempo, não trabalho mais no Exército! – Respondeu Max.

– Isto não tem nada a ver com o Exército. – Silva brincou com o copo de cerveja em cima da mesa.

– Estou fora! – Max começava a se irritar com o rumo da conversa.

– Creio que tenha sido o pessoal do narcotráfico. – Continuou o Coronel.

– Mais uma razão para eu ficar de fora! – Disse Max com uma risada forçada.

O Coronel fez uma pausa. Olhou para o céu como que procurando as palavras certas. Tomou mais um gole da bebida. – Temos pessoas importantes neste projeto. Há uma grande recompensa...

– Não me interessa! – Cortou Max. – Não acredito que você veio até aqui para me pedir ajuda!

O Coronel respira fundo e tenta uma nova abordagem.

– Sabe Max, toda manhã quando acordo, lembro desta maldita perna!

Max sente ser coração disparar. O passado vem a sua mente. Imagens e sons inundam seus sentidos.

O militar percebeu que tocou no ponto fraco.

– Minha carreira poderia ter ido mais longe, se eu não tivesse sido mutilado!

Com a ajuda da bengala levanta com certa dificuldade e faz a volta na mesa, ficando atrás de Max. Aproximou-se do rapaz e sussurrou: – Você me deve esta, Max!

O Tenente balançou a cabeça. – Não pedi para me salvar!

– Amigos fazem isto! – Respondeu o Coronel.

– Todos os meus amigos morreram naquele dia!

O Coronel continua a caminhar em volta da mesa.

– Soldados despreparados! – Brincou ele.

Max sente uma raiva muito grande crescendo dentro de si. Não acreditava que aquele homem tivesse vindo lhe convidar para voltar à ativa.

– Jurei nunca mais entrar naquela selva! – Disse em tom alto. – E se o senhor me der licença... – Max foi levantando e afastando-se.

– Júlia é uma das desaparecidas! – Falou o Coronel prontamente.

De costas para o militar, Max estancou. Sentiu um frio percorrer a espinha. Qualquer menção a Júlia lhe traria boas lembranças, mas esta informação lhe arrebatara os sentidos. Max fechou os olhos por alguns instantes. Não conseguia raciocinar direito. Não poderia dizer não. Júlia desaparecida. Estava em perigo. Tinha que ajudá-la.

O Coronel Silva esboçou um largo sorriso, pegou o copo de cerveja e brindou: – Bem-vindo ao grupo!

# Capítulo 3

Horas mais tarde Max encontrava-se vestindo uma farda camuflada. Os longos cabelos e a barba deram lugar a um corte zero. Provou o gosto único de descansar lentamente a faca AMZ na bainha ouvindo o zumbido do fio ao encostar metal contra metal. Mesmo contra sua vontade, aquilo tinha o cheiro que ele respirou durante muitos anos. Seu projeto pessoal era chegar até o alto escalão, e ele deu o seu sangue pelo exército para isto acontecer. Honrou seu uniforme até seu limite.

Max seguiu ao lado do Coronel Silva e mais um homem que foi apresentado como médico do exército, em direção a um grupo de cinco homens. Era um campo de pouso improvisado, de chão batido e vegetação seca.

O Coronel adianta-se ao grupo e apontando a bengala faz as apresentações.

– Max. Quero que conheça o Capitão Braga. Ele irá liderar esta equipe de resgate. O Capitão Braga já participou de vários outros resgates e conhece bem o negócio!

Max acenou levemente a cabeça. Braga aproximou-se e analisou o mais novo integrante da equipe. O Capitão aparentava uns quarenta anos de idade, cabelos completamente raspados e corpo musculoso. Era conhecido pelo seu comportamento arrogante.

– O Coronel falou muito bem de você! – Disse o Capitão, num sotaque carioca.

– Não há muito que ser dito! – Retrucou o Tenente, quase resmungando.

– Não estou tão certo disso! – Braga esboçou um sorriso irônico, deixando muitas possibilidades no ar.

Max continuou olhando-o sem expressão alguma.

– O Coronel disse que você conhece muito bem a Floresta Amazônica. – Continuou Braga. – Que conhece a geologia, fauna, flora e principalmente a topologia.

– Não há como conhecer sete milhões de quilômetros quadrados! – Retrucou Max, e emendou: – A selva é traiçoeira! – Ele não estava afim de conversa fiada.

O sorriso do Capitão Braga amarelou e ele não falou mais nada.

– Bem... – Interrompeu o Coronel Silva. – Deixe-me apresentar o resto do time: Gian Tedesco, também conhecido por Gigante.

O sujeito era um tanto baixo para os padrões do Exército, tinha um rosto redondo e era muito falante. Vinha de uma longa tradição militar na família, mas optou por sair do serviço militar recentemente.

O Coronel continuou com as apresentações: – Téo, Charlie e aquele ali é o Denis.

Todos eles estavam na faixa dos vinte anos de idade. Téo era um rapaz magro, usava óculos e era amigo de longa data de Gigante. Viviam fazendo trocadilhos de duplo sentido um com o outro. Charlie era alto e forte, ninguém nunca se metia com ele. Por fim, Denis, extremamente pessimista e hipocondríaco. Levava sempre consigo uma pequena farmácia onde quer que fosse.

Todos trocaram rápidos acenos de cabeça.

O som de um helicóptero aproximando se fez ouvir.

– Antes de embarcar vocês precisarão tomar um coquetel de vacinas. – Disse o Coronel. – Por favor, o doutor aqui irá aplicar em cada um de vocês.

– Injeção? – Queixou-se Gigante. – Que droga, detesto injeção!

Denis adiantou-se e logo arregaçou a manga.

– Tem antitetânica ai dentro? – Perguntou. – A minha já faz alguns anos e ainda não renovei!

– É provável que vocês sintam um desconforto daqui a algumas horas. É normal! Podem ocorrer náuseas ou tonturas, mas não se preocupem que irá passar com o tempo! – Instruiu o médico, passando a aplicar a injeção agora em Gigante, que espremeu os olhos para não sentir a dor da agulha.

– A partir de agora, todos vocês estão sob o comando do Capitão Braga. – Continuou o Coronel. – Sabemos que não será uma missão fácil! Mas... – Fez uma breve pausa.

Max olhou com o canto dos olhos para o velho militar.

– ... não esqueçam! Existe uma boa recompensa para cada um de vocês no sucesso desta operação!

Sorrindo, Gigante deu um empurrãozinho com o cotovelo em Téo.

Neste instante um enorme helicóptero Pantera HM-1 aproximou-se e sobrevoou o grupo. O potente motor Turbomeca Arriel varreu o chão com uma poderosa rajada de vento.

Max não consegue negar a adrenalina tomando conta de seu corpo. Era o cheiro do Exército, que por tantos anos correu em suas veias. Era a sua paixão desde a infância, quando vira pela primeira vez uma parada militar desfilando em sua cidade. Aquilo mexera com o pequeno Max, que naquele momento disse ao seu já falecido pai que iria se tornar um Soldado quando crescesse.

O Coronel aumentou a voz para ser ouvido.

– VOCÊS TERÃO TODO O EQUIPAMENTO E ARMAS NECESSÁRIAS PARA ESTA MISSÃO. DURANTE O TEMPO QUE PERMANECEREM EM TERRA NÃO TERÃO NENHUM SUPORTE AÉREO. O CAPITÃO BRAGA DARÁ MAIORES INSTRUÇÕES DURANTE O VÔO. TENHO CERTEZA DO SUCESSO DESTA OPERAÇÃO. ESTAREI PESSOALMENTE ESPERANDO POR VOCÊS NO PONTO DE ENCONTRO. BOA SORTE A TODOS!

Max pegou sua mochila e foi o primeiro a embarcar. Tem pressa em sair dali. A presença do Coronel o perturba por demais.

Braga mostrou o caminho para o restante do grupo. – Por aqui donzelas!

Em instantes o helicóptero levantou vôo, majestoso e imponente. O velho militar protegeu os olhos com a mão e acompanhou a aeronave afastar-se rapidamente. Retirou o celular do bolso e faz uma ligação.

– Eles estão a caminho! – Informou.

A janela de um elegante e moderno escritório mostra um centro urbano. Na mesa de mogno maciça, uma cadeira em couro importado gira para contemplar a movimentada cidade. No pulso um Rolex reluz.

A voz do Coronel Silva é ouvida através do viva-voz. – “Não se preocupe! Seu investimento logo será recuperado!”.

– Para o seu próprio bem espero que consiga reverter esta situação! Nossos investidores estão impacientes!

O homem de cabelos brancos desliga o aparelho. Retira o cigarro do cinzeiro, dando uma longa e prazerosa tragada.

A bordo do helicóptero, o Capitão Braga estava absorvido em seus pensamentos. Ele estava respondendo processo interno por morte de militar. Aquele tenentezinho da “PE” tinha se metido onde não devia, estragando seus negócios. Braga trouxera droga para dentro do quartel, para ganhar uns a mais e ajudar no “orçamento”. O Tenente Marcel da Polícia do Exército estava investigando o caso há meses e bateu de frente com o Capitão Braga. Braga não teve outra escolha, senão era ele quem dançava. Estava afastado do exército já fazia oito meses. Isto o estava deixando louco. O problema é que o meio militar era a sua vida. Filho de militar, neto de militar, estudara em colégio militar. Sua vocação era usar farda. Por isto, quando o Coronel Silva lhe ofereceu o serviço, não pensou duas vezes e aceitou o desafio. Queria desesperadamente voltar a respirar o ar bélico. Observou o pessoal que o Coronel Silva reuniu. Sacudiu a cabeça negativamente com um sorriso amarelo. Aquele grupo lhe lembrava bem os recém chegados ao quartel. Totalmente despreparados. Irritava-se vê-los chegando todos os anos. Um bando de magrelas, desnutridos e de QI discutível. Vez por outra um dos Soldados se despontava e quando isto acontecia, Braga ficava de olho nele e aos poucos ia conduzindo o jovem para o seu lado. Na Companhia onde Braga servira havia rumores de que o Capitão tinha reunido um grupo de Soldados que realizavam alguns servicinhos para o alto escalão. Uma espécie de sociedade secreta dentro do Exército, mas nunca conseguiram provar nada.

Braga acomodou-se no banco e deixou escapar um sorriso pensando no dinheiro que o velho Coronel iria lhe pagar pela missão.

Gigante estava sentado a sua frente e vasculhava a mochila procurando alguma coisa.

– Qual sua especialidade Soldado? – Perguntou o Capitão.

– Ahh, comunicações, Senhor... – Respondeu Gigante, pego de surpresa. – Servi no batalhão de comunicações do Rio de Janeiro.

– Habilidades na selva? – Quis saber Braga.

– Não, Senhor, nenhuma!

– E você? – Perguntou a Téó, sentado ao lado de Gigante.

– Administrativo – Limitou-se Téó a dizer.

– Administrativo... – Repetiu Braga desanimado.

O Capitão suspirou profundamente e apenas olhou para Charlie, melhor nem perguntar.

O Capitão Braga sacou sua semi-automática Desert Eagle .44 Magnum, fazendo saltar os olhos dos tripulantes. A conversa lhe tirara a paciência. Um bando de maricas no seu entendimento. Ao mesmo tempo, com um pequeno pedaço de pano, começou a lustrar sua arma. Os Soldados suspiraram aliviados.

– Temos abordo ao menos um profundo conhecedor e combatente da selva. – Braga olhou para Max. – Isto já me conforta! – Completou ironicamente.

Max mantivera-se quieto todo este tempo, calmo, concentrado, pensativo. Braga o tirou de sua meditação. Max olhou-o sorrateiramente. Tinha algo no Capitão que ele não gostava, fosse pelo seu jeito debochado ou pela sua conduta antiética, não sabia ao certo.

O Capitão aproveitou o silêncio de Max. – Coronel Silva me contou sobre os acontecimentos de Agosto de 2004.

Todos olharam para Max, na expectativa de uma resposta. Max manteve-se calado, mas a plateia estava ávida pela história. Sabia que mais cedo ou mais tarde alguém tocaria neste assunto.

– Colombianos invadiram a fronteira e atacaram o acampamento militar. Todos foram presos e torturados. – Explicou Braga.

Max não sabia onde o Capitão queria chegar. Falar sobre este assunto era como meter a faca em uma ferida aberta. Ele começava a